

STRESS INFANTIL E ESCOLARIZAÇÃO: UM ESTUDO COM UM GRUPO DE CRIANÇAS BAIANAS

Silvana Batista Gaino
Adriana Cristina Boulhoça Suehiro
Everson Meireles

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

O número crescente de crianças com rotinas muito próximas as de um adulto tem sido alvo de preocupações por parte dos profissionais da saúde, especialmente por parte de psicólogos, uma vez que essa nova realidade pode se configurar numa fonte expressiva de stress. Tal preocupação se faz ainda mais eminente ao se considerar o fato de que o stress em crianças é mais grave do que em adultos, pois seus mecanismos de enfrentamento ainda não estão adequadamente desenvolvidos. Apesar da relevância do tema, pouco se conhece sobre a incidência de stress em crianças embora se saiba que situações de tensão e necessidade de autocontrole, como as vivenciadas no ambiente escolar, também possam desencadeá-lo. Considerando que a educação tem um efeito direto na saúde psicológica, pois aumenta a possibilidade de escolhas na vida e influencia aspirações, auto-estima e aquisição de novos conhecimentos que podem motivar atitudes e comportamentos saudáveis, o presente trabalho objetivou identificar se alunos da 1ª à 5ª séries do ensino fundamental, de uma cidade do Recôncavo Baiano, apresentavam stress e se havia diferença entre suas reações com o avançar da escolaridade. A amostra foi composta por 50 crianças, com idade média de 8 anos ($DP=1,50$), sendo 27 meninos e 23 meninas. Trinta e quatro participantes estudavam em escola particular e 16 em escola pública. Os dados foram coletados, individualmente, com base no Inventário de Sintomas de Stress Infantil (ISS-I). Os resultados indicaram que das 50 crianças, apenas oito apresentaram stress, 6 delas com prevalência da fase de quase exaustão e 2 com prevalência da fase de resistência. No que se refere ao tipo de reação apresentada, embora não haja diferença estatisticamente significativa, diferentemente de outros estudos, observou-se que as crianças de 1ª série foram as que obtiveram as pontuações mais altas em todos os tipos de reações possíveis, seguidas, respectivamente, pelas de 2ª e de 5ª série. Os resultados evidenciaram, ainda, que as reações psicológicas foram mais acentuadas nas crianças de 1ª e 2ª séries e as psicofisiológicas, nos estudantes de 3ª e 5ª séries. Tendo em vista tais resultados, pode-se concluir que apesar da baixa incidência de stress na amostra, a prevalência nos estudantes de 1ª série chama a atenção, especialmente por se verificar quão precocemente e intensamente o stress tem sido vivenciado por eles. Ao lado disso, há que se ressaltar a incidência marcante de reações psicológicas e psicofisiológicas, tendo em vista que tais reações envolvem componentes afetivos e somáticos que exigirão, para a eficiência de um tratamento, uma estrutura de apoio familiar e ambiental. Nesse sentido, fica evidente a necessidade de novas pesquisas tanto de diagnóstico, quanto na área de intervenção, a fim detectar precocemente o problema e de propiciar alternativas mais adequadas de tratamento, que evitem a cronificação desses sintomas e possam vir a comprometer o desenvolvimento dessas crianças.

Palavras-chave: avaliação psicológica; Inventário de Sintomas de Stress Infantil; reações ao stress.